

Muito obrigado. Desculpem se me pus elegante para vocês, mas, se me permitem, para me sentir mais livre, pedi esta cadeira para apoiar (o casaco).

Bem, dei um título aparentemente provocador, mas não pretende sê-lo.

Uma cidade é educadora se permite que as meninas e os meninos se eduquem. Ou permite que os meninos e as meninas se eduquem a si próprios. Entendendo «educar-se» sozinhos, que é um pouco o contrário de ser educados.

A ideia geral é que, quando nasce um menino, quando nasce uma menina, passa-se um longo período durante o qual quase nada acontece. Como um tempo de formação, de preparação, em que o mais importante é cuidar dele, protegê-lo, garantir-lhe as condições necessárias, para que possa chegar às fases, às etapas importantes da vida, nas melhores condições físicas, que se considera serem as únicas importantes nesta etapa da vida.

Quando perguntaram a Sigmund Freud, numa entrevista, qual tinha sido o ano mais importante da sua vida, respondeu, sem dúvida: o primeiro.

E, na realidade, é assim. Não é verdade que a criança espere que chegue aquilo a que outrora se chamava «a idade da razão», que coincidia com a experiência escolar, quando começavam as aprendizagens importantes de escrever, contar.

O que gosto de abordar no início é descrever como, pelo contrário, as crianças começam a sua experiência de conhecimento de uma maneira totalmente diferente, descobrindo coisas e brincando.

As duas experiências fortes com que a criança começa a entrar no mundo são a surpresa e o jogo.

É assim, por exemplo, que a criança descobre a palavra, começa a falar. É interessante observar e refletir sobre o facto de que ninguém ensina as crianças a falar.

E depois de aprenderem, continuamos a falar durante toda a vida. E aprendemos sozinhos, descobrindo, surpreendendo-nos.

Há um momento, no início da vida, poucos dias depois do nascimento, em que a criança descobre que o ar que sai da sua boca pode produzir um som.

Claro que já tinha chorado e também saíam sons, mas provavelmente o menino ou a menina estavam tão imersos na

razão desse choro, na raiva, na dor ou não sei em quê, que não tinham tempo nem possibilidade de refletir sobre isso.

Mas chega um momento em que se produz um som. Isso surpreende tanto a criança que ela gostaria de o reproduzir, mas não sabe como, até que volta a acontecer.

E volta a acontecer uma vez e outra vez, até que descobre como pode produzi-lo ela própria.

E começa uma nova fase na vida das meninas e dos meninos, aquela a que em italiano chamamos «lallazione» e que vocês chamam balbucio. Uma fase que os pais conhecem muito bem, muito cansativa: a criança que continua... brinca com a sua voz, brinca com a sua voz.

Isto tem uma importância impressionante, porque num momento estranho, e por pura casualidade, sai-lhe «mamã, mamã, mamã».

A família explode, como nas bancadas quando há um gol: todos de pé. «Disse mamã!»

Não, ele estava a brincar, mas sai-lhe «mamã». E a família felicita-o muito, telefonam à avó... Bem, é um momento que, penso eu, todas as famílias recordam.

E é claro que a criança, como vê que tem um sucesso tão grande, repete e descobre que estas palavras, que não sabe que são palavras, têm um efeito impressionante.

Quando diz «mamã», aparece a sua mãe. Ou seja, são sons que provocam o aparecimento da pessoa que para ele é o mundo, e isso dá-lhe uma força enorme. E por isso continua a chamá-la.

A criança descobriu a palavra, descobriu a fala, e desde então, durante toda a vida.

Assim, as crianças descobrem o desenho. Descubrem-no porque, por acaso, um dia a mão que se move deixa uma marca.

Isto surpreende uma criança. Normalmente, a mão que se move não deixa marcas. Por acaso, neste caso, a mão tinha um marcador, por exemplo.

Mas a criança não se apercebe. E vê esta marca, e novamente acontece a mesma coisa. Acontece uma vez e outra vez até perceber que pode procurar alguma coisa que deixe marcas e começa esta nova experiência dos traços.

Aquilo a que nós chamamos «rabiscos», que é uma palavra de desprezo, que são coisas más, um rabisco.

Pelo contrário, é uma forma de arte, porque é aqui que começa toda a experiência da expressão gráfica, a brincar. A brincar, neste caso, com as marcas.

E alguém pode dizer: bem, sim, aceitamos, mas depois é preciso esperar pelos seis anos, quando já entram na escola.

Não. Ao longo deste período, desde os primeiros dias de vida até aos seis anos, acontecem muitíssimas coisas.

Eu não sou especialista, não sei descrevê-las todas, mas gosto de dar mais um elemento antes de passar ao tema mais amplo que temos de abordar.

Estamos por volta dos três anos. Quando ouvi o meu filho mais velho dizer-me: «Pai, descobri».

Fiquei surpreendido porque o meu filho dizia «descoberto». Portanto, parecia-me quase que estava a andar para trás. Dizia-o corretamente e depois passou a dizê-lo incorretamente.

Mas, claro, não fiquei com essa sensação inicial e tentei compreender.

E aquilo que compreendi quase me assustou. Descobri que o meu filho tinha percebido, sabia que os verbos tinham conjugações.

Digo-o assim, quase tenho medo de o dizer porque ele tinha três anos. E agora sei que todas as crianças por volta dos três anos fazem esta descoberta.

Sabem que os verbos têm conjugações.

E nas nossas línguas têm três conjugações. E que a terceira, no particípio passado, corretamente faz «-it». Portanto, descobrir, que pertence à terceira, tem de fazer «descoberto», apesar da forma como o pai o diz.

Isto é impressionante. As crianças descobrem regras e aplicam-nas com uma fidelidade quase religiosa.

E é claro que, a partir daqui, quantas coisas terá ele descoberto, e todas as crianças desta idade.

Lembro-me de que, na Costa Rica, numa escola infantil, estava a falar com as crianças e um menino de três anos diz-me: «Sabe, Francesco, que o meu gato morreu?»

«Morreu.» Morrer pertence à terceira.

Quando o meu filho fez seis anos, como todas as crianças, foi para a escola.

No primeiro dia de escola, a professora pediu-lhe que preenchesse a primeira página do seu caderno novo fazendo A. Uma página de A.

A professora pensou, interpretou, considerou que o meu filho, como todos os seus colegas e companheiros de turma, eram ignorantes e analfabetos e conjugavam verbos há três anos.

Este é um dos enormes problemas da educação.

Ontem encontrei-me com crianças daqui. Passámos um momento muito simpático para mim, e contei esta anedota e perguntei-lhes se também lhes tinha acontecido, porque imaginava que isso também lhes tinha acontecido — o meu filho tem agora quase sessenta anos, por isso poderia ter acontecido há muito tempo.

Bem, eram oito ou nove crianças. Quando pedi que levantasse a mão quem tivesse feito uma página de A, todos, parece-me, menos um, levantaram a mão.

Ainda hoje se considera que uma criança de seis anos é analfabeta.

Esta maneira de descobrir através da surpresa e a brincar serve para muitos âmbitos da nossa vida.

Serve para andar, para comer, para controlar os esfíncteres, o cocó. Bem, todas estas coisas que fazem parte do início da nossa vida descobrimo-las sozinhos.

Até há quarenta anos, considerava-se, bem, até aos anos oitenta, mais ou menos, que esta maneira de conhecer continuava quando se abria a porta de casa por volta dos quatro, cinco ou seis anos, não mais tarde, porque nessa altura todos os meninos e todas as meninas iam para a escola sem adultos.

Não havia ninguém que acompanhasse o seu filho à escola. Era um problema enorme fazê-lo, porque essas crianças eram consideradas crianças deficientes, deficientes sociais, ou seja, que tinham pais que as acompanhavam.

Era uma vergonha.

E todas as crianças saíam para se habituarem a viver na rua, e na rua continuava esta aprendizagem que se chama incidental, ou seja, que acontece por acaso.

E na rua aprendia-se a conhecer-se, a conhecer os outros e a conhecer o outro género, a reconhecer que somos diferentes no carácter e fisicamente, a brincar.

Bem, penso que todos sabem o que significa o jogo do médico.

É uma etapa fundamental da nossa infância.

Assim conheciam-se os perigos, os obstáculos, e elaboravam-se estratégias para os ultrapassar, dominá-los, controlá-los ou evitá-los.

Aprendia-se a lutar e a fazer as pazes, porque no dia seguinte queríamos voltar a brincar.

Vive-se a experiência da satisfação, o orgulho do sucesso e a frustração do fracasso.

A frustração aos cinco, seis, sete ou oito anos é dura, mas passa. Porque no dia seguinte queremos voltar a brincar.

Temos de elaborar estratégias para recompor a briga, para recompor o conflito.

Experimentar a frustração pela primeira vez aos catorze anos pode ser fatal.

Infelizmente, temos um aumento das tentativas de suicídio, até por causas deste tipo, aparentemente banais.

Descobrir coisas novas. Continuando esta ideia de brincar com as palavras, continua-se fora de casa a descobrir plantas, animais, maneiras de estar, recantos, maneiras de escapar ao controlo dos adultos... Bem, muitas coisas.

Ontem John Powell, nessa bela conferência que nos ofereceu, dizia que a pertença é impossível sem alteridade.

E pensei: talvez seja verdade.

E veio-me à cabeça que há um caso em que existe pertença sem alteridade. E é exatamente quando as crianças brincam sem adultos.

Se não há adultos, as crianças juntam-se e procuram maneiras de conviver.

Isto é muito importante também de uma perspetiva de integração social através das crianças.

Poderia dar muitos exemplos, mas não tenho tempo.

Vou dar apenas dois.

No verão, a minha família deslocava-se para uma pequena aldeia, que era a aldeia da minha mulher, uma aldeia despovoada que quase não tinha crianças, mas que era uma aldeia de emigração francesa.

E no verão ficava bastante cheia e havia muitas crianças francesas.

E os meus filhos saíam depois do pequeno-almoço e apareciam para almoçar, desapareciam e voltavam a aparecer para jantar.

E lembro-me de falar com eles para lhes dizer:

«Mas vocês o que fazem?»

«Brincamos.»

«Mas brincam com crianças que falam outra língua? Vocês não sabem francês?»

E não sabiam responder-me, mas saíam na mesma, todos os dias.

E sabiam como brincar com crianças sem as entender, sem compreender a língua.

Como é que faziam, talvez?

O outro exemplo é uma amiga que me dizia que tinha um filho que lhe falava sempre de um amigo chamado Pablo.

Mas estava no primeiro ano do ensino básico e ela não conhecia esse Pablo.

Um dia, a professora chama-a para lhe dizer não sei o quê e aproveita, quando ela chega à sala, para chamar o filho e dizer-lhe: «Mostra-me o Pablo.»

«Ah, o Pablo é o que usa a camisola vermelha.»

O Pablo era o único negro da turma.

E era o da camisola vermelha.

A cor da pele não significava nada.

Há quarenta anos que acontece uma coisa muito estranha, nova e que continua.

A porta de casa fecha-se.

Calcula-se que, por volta dos anos oitenta, as famílias dos nossos países — são muitos países — decidiram que um menino ou uma menina não podiam sair sozinhos de casa.

Era preciso acompanhá-los.

Esta novidade muda toda a vida das crianças.

E muda a vida das famílias.

E muda a vida da cidade.

É preciso inventar o que fazer com as crianças se não podem sair de casa para passar a tarde com os seus colegas.

Antes de entrar nesta segunda parte, que é a parte a que me interessa dedicar bastante tempo para descrever aquilo que estamos a propor, é preciso observar uma coisa.

Que depois desta etapa começava a escola.

E, evidentemente, na maioria dos casos, por exemplo, nas escolas dos meus colegas de ontem à tarde, onde se aprendia a escrever fazendo uma página de A, interrompia-se drasticamente — não direi dramaticamente —, mas de alguma maneira sim, todo este processo de descoberta.

Ali não se descobria nada, porque tudo estava preparado.

Aquilo que está preparado chama-se programa.

E o programa é trazido pelo professor, pelo docente.

E o papel das crianças é ouvir.

Aprender porque alguém nos explica as coisas.

E explica-nos não aquilo que nos interessa, como quando o procurávamos sozinhos, mas aquilo que está previsto.

E o protagonismo passa das crianças para os adultos.

E o adulto considera que os seus alunos, mais ou menos, estão vazios.

São vasos vazios.

Nos quais ele coloca coisas novas.

E depois de algum tempo pode medir até que ponto o vaso se encheu.

O extraordinário é que tudo isto acontece numa situação de igualdade que não tem nenhuma outra experiência semelhante na vida.

Os alunos têm todos a mesma idade.

É raríssimo isto.

Como se fossem gémeos, uma turma de gémeos.

Parece um filme de terror.

É assim.

Foi assim para todos nós.

Claro que não é obrigatório.

Nem sempre é assim.

Foi mencionada Marta Mata.

Marta Mata, além de ser uma importante política catalã, foi uma educadora muito importante.

Tive a sorte de a conhecer, de ser seu amigo.

E Marta Mata fazia parte deste mundo da escola que, inspirando-se em professores como Célestin Freinet, francês, considerava que as crianças tinham o direito de descobrir e continuar a descobrir dentro e fora da escola.

Ou seja, a escola estava interessada naquilo que as crianças traziam de fora.

O texto livre — agora não posso ficar pelos aspetos técnicos — é como uma porta de entrada da vida exterior na vida da escola.

O dia escolar para estes professores... Bem, para nos entendermos, penso que muitos de vocês conhecem o filme *O Professor que Prometeu o Mar* e, apesar de ser muito dramático, toda a parte didática é exatamente aquilo de que estou a falar.

A escola fazia-se e faz-se assim, porque estes professores, felizmente, continuam a existir: começando pela experiência das crianças.

As crianças levam para a escola aquilo que viveram durante a tarde. Por isso estes professores não passam trabalhos de casa, não dão tarefas, não ocupam o tempo das crianças com coisas absurdas, perdoem-me, mas deixam-nas viver coisas muito importantes como o brincar livre, para que no dia seguinte as levem para a escola.

Estes professores existem. Infelizmente, são poucos e deveriam ser todos, porque este é um dos direitos das crianças: ter uma educação deste tipo.

Claro, dizia que se abre um tema enorme: o que fazemos com as crianças se pensamos que não podem sair para a rua?

E é aqui que começa normalmente, quando há uma necessidade. Isto põe em movimento muitos interesses, tanto económicos como políticos e sociais.

Por um lado, a escola levanta a mão e diz: «Sou eu», e a escola amplia o seu serviço.

Em Itália, a minha escola, a escola dos meus filhos, era de quatro horas: das oito e meia à uma e meia. Depois, almoço em casa e a tarde, como dizia.

Agora a escola é das oito e meia às quatro e meia. Nem sempre, nem todas, mas a maioria.

E passam trabalhos de casa e a família fica quase contente, porque assim tem alguma coisa para fazer durante a tarde.

Depois inventaram-se as atividades que não existiam no meu tempo.

No meu tempo jogava-se à bola. Hoje não é possível.

Hoje estuda-se futebol. É outra coisa: é um curso, paga-se, há um professor, um professor que se chama treinador, que ensina como se joga futebol.

Nós jogávamos à nossa maneira, inventando regras ou imitando regras.

Bem, isso seria para outra conferência.

Por isso, as atividades oferecem a possibilidade de tornar a agenda de uma criança, de uma menina, hoje mais complicada do que a dos seus pais.

Também porque os seus pais têm de acompanhar os filhos a todas estas atividades e eles não podem permitir-se fazer o mesmo.

Porque, se fazem as suas atividades, não podem garantir as dos seus filhos.

Ah, bem, esqueci-me de... Há este desenho. Bem, desculpem, recupero-o num minuto.

Isto é quando falava do desenho das crianças.

Este é um desenho da Vanna.

Vanna é uma menina de Reggio Emilia.

E conheci-a quando estava a visitar
a escola Diana, que é uma das escolas conhecidas de Reggio
Emilia.

Eu era amigo de Loris Malaguzzi, por isso
ia frequentemente a Reggio Emilia.

E Vanna, quando a conheci, tinha seis anos,
já estava no ensino básico.

Passou pela escola Diana para cumprimentar as
suas professoras e eu estava lá.

Quando entra, as professoras mostram-me este desenho,
que tinha este tamanho, desenhado a tinta-da-china, com muitos
detalhes.

É um desenho importante para uma menina de cinco
anos.

E eu disse-lhe: «Vanna, tu vens da escola
primária, não é?»

Ela diz-me: «Tens um caderno?»

E a Vanna mostra-me o seu caderno.

E eu tiro esta fotografia.

Esta é a fotografia do caderno da Vanna
aos seis anos.

Um desenho de três personagens, mais ou menos como
o anterior.

Bem, mais uma vez, quando eu voltar e vocês tiverem
mais uma hora para me oferecer, falaremos sobre o que aconteceu à Vanna
durante estes poucos meses.

Crescendo quase um ano, o seu desenho chegou
a ser este.

Bem, dizia que perante o tema de o que fazer com
as crianças, muitas forças entram em movimento.

Dizia: a escola aumenta, nascem as atividades.

As cidades dizem: «Não se preocupem, votem em mim e
eu criarei espaços de jogo para as crianças.»

São esses espaços iguais em todo o mundo, com
baloiços e escorregas, em alguns casos, como em Itália, felizmente,
abertos.

Noutros casos, por exemplo, na Argentina, fechados com grades para os proteger, onde as crianças só vão acompanhadas por adultos.

Por isso, passarão ali algum tempo a brincar.

É isso que pensamos.

Até se cansarem, porque esse é o pacto.

«Eu levo-te, quando estiveres cansado dizes-me e voltamos para casa.»

E aquilo que acontece é algo que deveria preocupar muito os adultos, porque as crianças cansam-se.

Depois de algum tempo à espera para fazer fila no baloiço, ou para aproveitar o escorrega, aproximam-se do adulto e dizem: «Mãe, pai, estou cansado.»

E nós não podemos dizê-lo, mas por dentro pensamos: «Bem, ainda bem, vamos para casa, que tenho muitas coisas para fazer.»

Portanto, pensamos que cumprimos, e de alguma maneira as crianças também cumpriram.

O que não pensamos é que uma criança que brinca não se cansa nunca.

Esquece-se de que tem fome.

Esquece-se de urinar.

Faz xixi nas calças.

Mas não deixa de brincar.

A nossa mãe chamava-nos muitas vezes porque o jantar tinha arrefecido, estava preparado, mas para nós parar de brincar era impossível.

Uma criança que te diz «estou cansada» significa que não brincou.

E depois nasceram os brinquedos, uma empresa, uma fábrica.

Há supermercados e centros comerciais de brinquedos.

Na minha infância não havia brinquedos; era depois da guerra.

Brincávamos imenso, imenso.

Eu, se pudesse explicar-vos como brincava quando era pequeno, precisaria de uma manhã inteira para o fazer, e não havia brinquedos.

Bem, os brinquedos construía-mo-los nós próprios.

Portanto, tudo o que rodeia as crianças custa muitíssimo.

As atividades custam, os brinquedos custam e depois chegam os ecrãs.

A televisão tornou-se uma ama, uma ama que se encarregava de cuidar das crianças.

Em frente à televisão não corriam riscos.

E começou toda a discussão com os pediatras, que diziam: «Sim, há riscos.»

Há riscos de obesidade infantil, há riscos para a visão, há riscos para a atenção.

E começou toda esta questão de quanto tempo uma criança deve estar diante de um ecrã.

«Quanto menos, melhor.»

Pelo amor de Deus, não ponham a televisão no quarto das crianças.

Mas em muitas casas as televisões chegaram ao quarto das crianças.

E finalmente chegou o telemóvel.

O telemóvel resolve todos os problemas.

O telemóvel entra na vida das crianças desde os primeiros dias de vida.

Parece, e digo isto com muita amargura, que é frequente que as mães que amamentam os seus filhos aproveitem este tempo em que não têm nada para fazer para ler mensagens, para trocá-las.

Isto é dramático, é dramático.

É preciso ensinar estas coisas nas escolas, às meninas e aos meninos: isto não se pode fazer.

Porque nestes primeiros dias de vida, quando a criança se cansa de mamar no peito da mãe, sempre e em todas as culturas, para e olha para ela.

E, claro, se a mãe está a olhar para outra coisa, a criança não a encontra.

Este diálogo de olhares é considerado o início de uma relação.

Por isso é uma coisa...

Há vídeos, são vídeos que vi há dezenas de anos, realizados em culturas diferentes, e repete-se sempre este jogo de olhares entre o bebé e a sua mãe que o amamenta.

É que eles não sabem.

Isto não se fala na escola, imagino, pelo menos.

E o telemóvel chega às mãos de uma criança recém-nascida, de poucos meses, porque contém canções e imagens pensadas para crianças dessa idade.

Não é por acaso.

O telemóvel ajuda a passar algum tempo enquanto estamos no restaurante e assim a criança não incomoda.

A maioria das crianças italianas em idade escolar tem um telemóvel.

Exatamente.

Normalmente, isto agrada muito aos pais porque, para eles, para nós, foi um problema habituarmo-nos a esta máquina maravilhosa, enorme, onde está o mundo inteiro e que pode resolver todos os problemas, mas não foi fácil.

Para mim continua a ser complicadíssimo.

Uma criança aprende a utilizá-lo em pouco tempo.

Calcula-se que uma criança de sete ou oito anos sabe descobrir tudo o que há dentro de um telemóvel, por isso os pais nem imaginam nem suspeitam do uso que as crianças fazem dele.

Hoje pensamos que este é o problema mais forte, mais importante e mais grave que a infância enfrenta.

É interessante observar que antontem foi o aniversário do projeto «A Cidade das Crianças e das Meninas», que nasceu precisamente trinta e cinco anos antes, no dia 27 de maio, na minha cidade, Fano, quando propus este projeto ao Conselho Municipal e o Conselho o aprovou.

No discurso que apresentei ao Conselho e que tenho no meu computador, porque faz parte da ata do Conselho Municipal, da ata oficial, está tudo o que aconteceu e também estão as minhas palavras.

E nesse discurso, a primeira coisa que eu pedia, em 1991, era que as crianças pudessem voltar a sair de casa sem adultos para viver a experiência do jogo.

Considerando — para mim era muito claro desde essa altura, e para todos os que trabalham com o desenvolvimento infantil também o é — que o jogo é a experiência mais importante não da infância, mas da vida, ainda mais do que o estudo.

Uma pessoa que sabia alguma coisa de ciência, como Einstein, diz, escreve, que o jogo é a forma mais elevada de investigação.

Portanto, o jogo desaparece da experiência da criança a partir do momento em que as crianças não podem sair sozinhas de casa.

O verbo «brincar» não se pode conjugar com verbos como «acompanhar», «controlar», «vigiar».

Só se conjuga com o verbo «deixar».

É preciso deixá-los.

«Tenho medo, não sei, o meu marido não está de acordo...»

Bem, como quiserem, mas não brincam.

Não há outra maneira.

Claro que uma das coisas que se aprendia na rua era ter em conta as regras que a família estabelecia.

A minha mãe também tinha medo. Eu também tinha medo quando os meus filhos eram pequenos, mas não havia alternativa e eu deixava-os, deixava-os com regras.

E as crianças sabiam que, se não cumprissem as regras, havia consequências.

Na minha infância podiam ser físicas ou simplesmente consequências, como não poder sair no dia seguinte ou coisas assim.

Mas tinha de obedecer a todas, mas podia transgredi-las.

A transgressão é uma experiência muito importante, má, mas importante.

E é sempre uma avaliação complicada.

«Respeito aquilo que me pedem ou não?»

E, se não, sei que terei consequências.

É assim que se aprende um sentido moral.

Construir um sentido moral aos quatro, cinco, seis, oito anos, e não começar aos catorze, quinze ou dezasseis anos.

Bem, vamos à parte final.

A partir deste momento em que peço à Câmara Municipal de Fano que devolva às crianças a possibilidade de sair de casa como um objetivo político e social da cidade.

Que a cidade se encarregue disso.

Que saiba convidar as crianças a sair e as famílias a deixá-las sair.

Abrindo um debate sobre por que razão isso não acontece.

Isto também é um mistério.

Normalmente, as pessoas dizem que não podem sair porque a cidade de hoje não o permite.

Seria interessante aprofundar um pouco esta frase.

Por que razão não o permite?

Hoje vocês têm todos os dados.

Uma cidade tem todos os dados porque existem computadores.

A polícia sabe tudo sobre uma cidade.

Podemos verificar se Granollers, por exemplo, nos últimos quarenta anos, se tornou uma cidade mais perigosa ou mais segura.

Eu não sei, mas aposto que é mais segura.

Muito mais segura.

Provavelmente os crimes diminuíram, assim como os incidentes e as mortes provocadas por acidentes de trânsito.

Mas há muito mais carros.

Sim, mas são muito mais seguros.

Há muito mais comportamentos garantidos.

Há leis que intervieram.

Não são suficientes.

Pensamos que têm de ser melhores.

Podemos fazer mais, mas já é importante considerar que a cidade onde eu era criança era uma cidade bombardeada e nós brincávamos entre as ruínas, onde havia restos de guerra, muito perigosos, e o jogo era ali.

Portanto, não é verdade.

O que mudou foi o medo.

O perigo diminuiu e o medo aumentou.

E isso é um efeito de outros mecanismos sociais, como a informação.

A informação é obsessiva.

Notei muito isso nas minhas últimas viagens por Espanha, por exemplo: como uma notícia do telejornal sobre alguma coisa que aconteceu, especialmente se for algo mau, é acompanhada, depois das palavras do jornalista, por imagens que se repetem duas, três, quatro, cinco, seis vezes seguidas.

Isso constrói na mente uma ideia de frequência que não corresponde à realidade.

E com as redes sociais isso multiplica-se e chegamos às imagens virais, o que significa que não são apenas vistas em toda a Espanha, mas em todo o mundo.

E é um facto que parece muitíssimo frequente, quase habitual.

E, claro, quando penso que pode ser habitual...

Ainda nem passou uma hora.

Comecei às menos um quarto e estou a aproveitá-la toda.

Desculpem.

Bem, eu encontrei...

A última etapa é esta: no nosso projeto internacional estamos a propor uma campanha que se chama «Eu saio para brincar».

Pensamos que, perante o poder que tem um telemóvel, não basta dizer para não o utilizar.

«Ofereço-te, mas não o uses.»

«Ofereço-te, mas controlo-te.»

«Ofereço-te, mas estamos de acordo que não o uses.»

Deveria chegar às mãos das crianças a partir de uma determinada idade.

Quando será útil?

Quando será necessário?

Provavelmente aos catorze, dezasseis... não sei.

Quando vão precisar dele?

E por isso abrimos esta proposta que chamamos «Eu saio para brincar», propondo alguma coisa que, para as crianças de quatro, cinco, seis, oito, dez ou doze anos, pode ser mais interessante do que um telemóvel.

Sair para brincar com os amigos todos os dias sem adultos.

Encontrei crianças de vários países: da Argentina, do Brasil, do México, de Portugal, de Espanha e de Itália.

Há um mês havia um pequeno grupo de crianças que representavam estes países.

Falei com elas.

O que pensavam elas do telemóvel?

E saíram coisas impressionantes.

Disseram-me: «O telemóvel é perigoso. Há muita informação violenta e tem o potencial de se tornar uma dependência.»

«É como um veneno silencioso.»

«Não se sabe quem está lá dentro.»

«Aparecem coisas que às vezes nem sequer queres ver.»

«Com ele ficamos cegos.»

«É como uma droga que não se come, mas que se vê.»

«O telemóvel prende-nos.»

«E quando nos chamam para brincar, não queremos ir.»

Não eram muitas crianças, por isso surgiu-me uma proposta que repito aqui e com a qual vou terminar.

Vocês...

Não têm consciência daquilo de que estamos a falar.

O que me estão a dizer significa que sabem.

Proponho-vos que sejam protagonistas desta luta.

Que não sejam os adultos a obrigar-vos.

Que sejam vocês a pedi-lo.

E pedi que as crianças pedissem aos seus pais:

«Renuncio ao telemóvel se me permitires sair todos os dias para brincar com os meus amigos sem a tua presença.»

E aos professores dizer-lhes:

«Estamos dispostos a renunciar ao telemóvel se vocês renunciarem a dar-nos trabalhos de casa.»

Não porque não queremos trabalhar.

Se precisarmos, fazemos isso na sala de aula.

Mas a tarde é para brincar.

Se temos trabalhos de casa, não temos tempo para brincar.

Bem, por isso agora, os últimos cinco minutos...

Peço desculpa, mas estou aqui para cumprir.

Dedico-os a mostrar-vos estas imagens, que são vinhetas que preparei exatamente para esta campanha, e vou passando-as simplesmente lendo os textos.

«Eu saio para brincar.»

E os pais respondem-lhe:

«Amamos-te tanto que te deixamos.»

«Está irritadiço.»

«Não me deixa em paz.»

«Toca em tudo. Aborrece-se.»

«Não sei o que fazer.»

«Dá-lhe o telemóvel. É fantástico.»

«Adeus. Vou lá abaixo brincar com os meus amigos.»

«Mas não corras, não atraveses a rua, não te sujes.»

«Bem, será melhor ficar em casa a jogar PlayStation.»

«Não podes sair sozinho porque a rua é perigosa.»

«Há trânsito.»

«Fica em casa com o telemóvel.»

«Estas são as imagens da violação.»

«Explicamos-lhes como e onde encontrar droga.»

«Aqui estão as horríveis imagens das vítimas do massacre.»

«As imagens proibidas da violência.»

«Não precisas de sair para ver a Julieta.»

«Podem encontrar-se numa videochamada.»

«Mas eu queria dar-lhe beijinhos.»

«Doutora, a Paula tem seis anos.»

«Está sempre aborrecida, triste.»

«Há algum tratamento?»

«Claro. Deixe-a sair sozinha todos os dias para brincar com os amigos.»

«Fora aos quatro anos.»

«Adeus, pai. Vou sair para brincar com o Pablo.»

«Fora de casa, mas ali, com as portas abertas, sem qualquer perigo.»

E depois conquista-se a escada.

«Fora aos cinco anos.»

«Eu era a professora, mas amanhã vamos brincar ao teatro ou ao mercado.»

Eram os jogos que eu fazia na escada quando era pequeno.

«Adeus, vou sair para brincar com a Rosa e o Lluís.»

«Quando voltar conto-te, mas não tudo.»

Mas um amigo será sempre melhor do que um telemóvel.

Esperamos que sim.

Obrigado.